

# O perfil sociodemográfico dos casos de Hanseníase na população idosa

The sociodemographic profile of Leprosy cases in the elderly population

El perfil sociodemográfico de los casos de Lepra en la población anciana

## RESUMO

Objetivo: descrever o perfil sociodemográfico da ocorrência de hanseníase nos idosos. Método: O estudo trata-se de uma metodologia epidemiológica de caráter quantitativo e descritivo, realizado no município de Augustinópolis, estado do Tocantins, com a série temporal que correspondeu ao período de 2010 a 2020, sendo que a população alvo foram os idosos e a coleta de dados ocorreu por meio da disponibilização das fichas do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) pela Secretária Municipal de Saúde. Resultado: Foram notificados 76 casos, sendo que a predominância ocorreu no sexo masculino (63,2%), cor/raça parda (72,4%), escolaridade de 1ª a 4ª série incompleta do E.F (39,5%), trabalhador agropecuária (40,8%) e com maior número de casos na zona urbana (85,5%). Conclusão: A análise do perfil sociodemográfico torna-se essencial para colaborar como fonte de informações epidemiológicas que reflète nas ações direcionadas ao diagnóstico, tratamento, prevenção de incapacidades e reabilitação física e social.

**DESCRIPTORES:** Perfil Epidemiológico; Hanseníase; Idoso.

## ABSTRACT

Objective: to describe the sociodemographic profile of the occurrence of leprosy in the elderly. Method: The study is an epidemiological methodology of quantitative and descriptive character, conducted in the municipality of Augustinópolis, state of Tocantins, with the time series corresponding to the period from 2010 to 2020, and the target population were the elderly and data collection occurred through the availability of the forms of the Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) by the Municipal Health Secretary. Result: 76 cases were reported, with a predominance of males (63.2%), mixed race (72.4%), schooling from 1st to 4th grade incomplete (39.5%), agricultural workers (40.8%) and with a greater number of cases in urban areas (85.5%). Conclusion: The analysis of the sociodemographic profile becomes essential to collaborate as a source of epidemiological information that reflects on the actions directed to diagnosis, treatment, prevention of disabilities and physical and social rehabilitation.

**DESCRIPTORS:** Epidemiological Profile; Leprosy; Aged.

## RESUMEN

Objetivo: describir el perfil sociodemográfico de la aparición de la lepra en los ancianos. Método: El estudio es una metodología epidemiológica de carácter cuantitativo y descriptivo, realizado en el municipio de Augustinópolis, estado de Tocantins, con la serie de tiempo correspondiente al período 2010 a 2020, y la población objetivo fueron los ancianos y la recolección de datos se produjo a través de la disponibilidad de los formularios del Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) por la Secretaría Municipal de Salud. Resultados: Se notificaron 76 casos, siendo que el predominio se dio en el género masculino (63,2%), color/raza marrón (72,4%), educación de 1ª a 4ª serie incompleta de E.F (39,5%), trabajador agrícola (40,8%) y con un mayor número de casos en el área urbana (85,5%). Conclusión: El análisis del perfil sociodemográfico es esencial para colaborar como fuente de información epidemiológica que se refleja en las acciones dirigidas al diagnóstico, tratamiento, prevención de discapacidades y rehabilitación física y social.

**DESCRIPTORES:** Perfil epidemiológico; Lepra; Ancianos.

RECEBIDO EM: 07/10/2022 APROVADO EM: 07/11/2022

### Luysa dos Santos Sanches

Graduada em Enfermagem pela Universidade Estadual do Tocantins-UNITINS  
ORCID: 0000-0002-3990-1776

### Darlene Teixeira Castro

Pós-doutoramento em Redes Sociais na Universidade Federal do Tocantins (UFT) pelo programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade, Doutora em Comunicação e Culturas Contemporâneas pela UFBA, Mestrado em Ciência da Informação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Especialização em Metodologias e Linguagens em EaD pela Universidade

Estadual do Tocantins, Especialização em Gestão e Novas Tecnologias pelo Centro Universitário Luterano de Palmas, Graduação em Jornalismo e Letras pelo Centro Universitário Luterano de Palmas. Na Pós-Graduação, atua nas disciplinas de Metodologia Científica e na área da comunicação e tecnologia. Atualmente é Vice-reitora da Universidade Estadual do Tocantins - Unitins e professora titular do Curso de Sistemas de Informação.

ORCID: 0000-0003-1867-3804

#### **Marcela de Oliveira Feitosa**

Universidade Federal do Maranhão

ORCID: 0000-0003-3017-2922

#### **Adriano Figueredo Neves**

Ceulm/ulbra

ORCID: 0000-0001-7084-6181

#### **Dhonnell Oliveira da Silva**

Docente na Faculdade do Bico, Coordenador do Núcleo Interno de Regulação - NIR/HRAug, mestrando do programa de Cirurgia e pesquisa experimental CIPE/UEPA.

ORCID: 0000-0003-4132-3124

#### **Dennis Gonçalves Novaes**

Graduação em Enfermagem pela Faculdade do Bico do Papagaio - FABIC (2013), Especialização em Enfermagem em Urgência e Emergência pela Faculdade de Ciências de Wenceslau Brás - FACIBRA (2016), Especialização em Enfermagem em UTI pela Faculdade de Ciências de Wenceslau Brás - FACIBRA (2016), Especialização em Docência do Ensino Superior pela Faculdade do Bico do Papagaio - FABIC (2021), Especialização em Saúde Mental pela Faculdade do Bico do Papagaio - FABIC (2021), Mestrado em Saúde Pública nos Trópicos pela Universidade Federal do Tocantins - UFT (2020). Docente do curso de Enfermagem da Universidade Estadual do Tocantins - UNITINS. Participa do Grupo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisa em Saúde Pública - NIEPESP, e do Grupo de Pesquisa em Doenças Infectocontagiosas e Negligenciadas.

ORCID: 0000-0002-0427-8769

#### **Raquel Machado Borges**

Faculdade de Imperatriz - Facimp

ORCID: 0000-0002-0388-7183

#### **Lilian Natalia Ferreira de Lima**

Mestre em Ensino de Ciências Ambientais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais na Faculdade de Geociências da Universidade Federal do Pará(UFPA). Especialista em Diversidade de Gênero na Escola pela Universidade Federal do Tocantins(UFT). Graduada em Ciências Naturais-Biologia pela Universidade Estadual do Pará (UEPA). Professora na Universidade Estadual do Tocantins(UNITINS). Revisora da Revista Acervo Saúde. Líder do grupo de pesquisa Doenças infecciosas e Negligenciadas (DIN/UNITINS). Vice-coordenadora do Comitê de ética e pesquisa da Unitins(CEP).

ORCID: 0000-0002-0931-3105

## INTRODUÇÃO

**A** hanseníase é uma doença crônica, infectocontagiosa, curável e de notificação compulsória que apresenta como agente etiológico o bacilo *Mycobacterium leprae* (*M. leprae*), também denominado bacilo de Hansen, pois é um parasita intracelular obrigatório<sup>(1)</sup>.

O Brasil obteve-se uma redução de 4% da taxa de prevalência, pois passou de 1,56 por 10 mil habitantes em 2009 para 1,50 por 10 mil habitantes em 2019, sendo assim, o estado do Tocantins ocupa a segunda posição com a incidência de 96,44 por 100 mil habitantes, e sua capital, Palmas notificou uma

taxa de 226,99 casos por 100 mil habitantes, a maior entre as capitais do país, e por conta disso, o Tocantins é uma região endêmica do *M. Leprae*<sup>(2)</sup>.

O modo de transmissão ocorre de forma direta quando uma pessoa com a patologia não tratada e portadora ativa do bacilo de Hansen, na qual elimina-o para o meio externo o patogênico por meio de gotículas de aerossóis liberadas em saliva, espirro, gotículas em geral, e quando entra em contato com o trato respiratório e as vias aéreas superiores do novo hospedeiro, o *M. leprae* adentra o organismo e pode infectá-lo<sup>(1,2)</sup>. Assim, após o bacilo instalado no organismo de um indivíduo infectado se propaga e quando não-

tratada pode levar danos progressivos e permanentes nos nervos, pele, membros e olhos, ou seja, pode causar deformidades e incapacidades físicas associadas ao seu elevado poder imunogênico<sup>(3,4)</sup>.

Nesse aspecto, entre as patologias que acometem o declínio funcional da população idosa, destaca-se a hanseníase por ser uma doença crônica, infecciosa e dermatoneurológica que compromete os nervos periféricos, podendo causar deformidades físicas, quando não adequadamente tratada, que potencializar as dificuldades funcionais<sup>(5)</sup>, pois na pessoa idosa a patologia causa um impacto maior, uma vez que o bacilo de Hansen possui vertentes incapacitantes, com

isso há um comprometimento na dinâmica da vida do indivíduo, principalmente, aquele em que já existiu comprometimento de capacidade funcional em decorrência do curso natural da vida<sup>(6)</sup>.

O diagnóstico é realizado por meio do exame clínico, a investigação epidemiológica e exames laboratoriais<sup>(7)</sup>. Assim, o exame clínico é através da anamnese clínica, exame geral e investigação dermato-neurológica para identificar um ou mais sinais cardinais da doença<sup>(8)</sup>, enquanto que a investigação epidemiológica está relacionada com a região geográfica, condições socioeconômicas e verificação de contato prolongado com pessoas que tiveram a patologia<sup>(9)</sup>, e além disso, inclui a realização de exame que podem ser utilizados como métodos auxiliares para a confirmação da doença, sendo o histopatológico e a baciloscopia para diferenciar de outras dermatoses<sup>(8)</sup>.

Dessa forma, o tratamento é ofertado pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e é conhecido como poliquimioterapia única (PQT-U), visto que apresenta uma associação de dapsona, rifampicina e clofazimina<sup>(10)</sup> e é essencial para a cura, a eliminação da fonte de infecção e com isso obter o interrompimento da cadeia de transmissão, sendo uma estratégia para o controle da doença<sup>(11,12)</sup>.

A população idosa apresenta pouco conhecimento sobre a hanseníase, e por conta disso, podem acarretar uma piora do quadro clínico com o abandono do tratamento, não realização do autocuidado para prevenção de incapacidades e não convocação dos contatos intradomiciliares para exame na unidade de saúde, e além do mais, a doença nesse período da vida pode apresentar ainda mais desafios em relação a diagnóstico precoce, tratamento, prevenção de incapacidades e recidivas, devido às características próprias do ser idoso<sup>(13)</sup>.

Por fim, é de suma importância ter conhecimento e compreensão dos possíveis determinantes e condicionantes da doença na região, para que tenha informações epidemiológicas e com isso desenvolver a capacitação e educação permanente das equipes gestoras e multiprofissionais ligadas à saúde e com isso possa desenvolver as ações de promoção, prevenção e controle da patologia, e

além do mais, alcançar o diagnóstico precoce e tratamento adequado. Logo, o presente estudo tem como objetivo descrever o perfil sociodemográfico da ocorrência de hanseníase nos idosos, para que assim, possa melhorar o planejamento das ações e da condução do tratamento dos casos diagnosticados.

## MÉTODO

Para esta pesquisa foi realizado um estudo epidemiológico de caráter quantitativo e descritivo, visto que a metodologia epidemiológica é definida como o estudo da distribuição e dos determinantes das doenças para permitir examinar a incidência e/ou prevalência da condição de saúde relacionada com determinadas características de populações especificadas<sup>(14,15)</sup>. Sendo assim, a pesquisa quantitativa é caracterizada pelo uso da quantificação, tanto na coleta quanto no tratamento das informações, utilizando-se de técnicas estatísticas, pois a abordagem quantitativa busca relatar significados que são considerados peculiares aos objetos, tem como particularidade permitir uma abordagem objetiva e estruturada através de dados quantitativos<sup>(16,17)</sup>. A pesquisa descritiva tem como intuito de determinar a distribuição de doenças ou condições relacionadas à saúde, segundo o tempo, o lugar e/ou as características da população específica, e além disso, descobrir a existência de associações entre variáveis<sup>(14)</sup>.

O estudo em questão foi desenvolvido mediante o parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa da Unidade Estadual do Tocantins, sob o número CAAE: 48144321.6.0000.8023, já que buscou-se proteger a dignidade e integridade da pessoa humana participante da pesquisa. Assim, a disponibilização dos dados ocorreu somente após a apreciação do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), e aprovação deste.

A pesquisa foi realizada no município de Augustinópolis, estado do Tocantins e foi delimitada ao período de 2010 a 2020 por possuir registros dos dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). Nesse viés, a população foi composta por todos os casos de hanseníase na população idosa que foram notificadas pela Secre-

taria de Saúde do município pesquisado e a amostra foi de 100% dos dados disponibilizados no período de 2010 a 2020.

Dessa forma, foram incluídos no estudo os idosos portadores de hanseníase, que mora no município de Augustinópolis e foram notificados no período de 2010 a 2020. Não foram incluídos no estudo os portadores da doença abaixo de 60 anos, que não mora no município e foram notificadas fora do período analisado da pesquisa, e além do mais, as garantias éticas aos participantes da pesquisa envolveu a não divulgar dados pessoais (Nome, sexo, endereço) e manter sigilo diante todas as informações de cunho pessoal dos casos. Logo, o estudo ofereceu riscos menores em relação as outras pesquisas, uma vez que todas as informações foram adquiridas através de base de dados secundários e todas as informações foram adquiridas de maneira ética e de acordo com a resolução de Nº 466/12 do conselho nacional de saúde e a resolução Nº 510 de 7 de abril de 2016.

Nesse sentido, para a execução deste estudo, os dados dos casos de hanseníase em idosos foram obtidos por meio das fichas de notificações do SINAN que foram disponibilizadas pela Secretaria Municipal de Saúde do município de Augustinópolis-TO e os dados coletados incluiu a classificação operacional, forma clínica, número de lesões cutâneas, número de nervos afetados, grau de incapacidade no diagnóstico e grau de incapacidade na cura.

Portanto, os resultados foram analisados através das análises estatísticas e a caracterização do perfil da amostra foi realizada por meio de frequência absoluta (n) e frequência relativa (%), e além do mais, a avaliação das prevalências ao longo do período de 2010 a 2020 foi testada aplicando-se os testes do Qui-quadrado de Pearson seguido da análise dos resíduos padronizados pelo teste Posthoc. Nesse sentido, os dados foram analisados com o auxílio do pacote estatístico SPSS (Statistical Package for Social Science) versão 26,0 e o nível de significância adotado foi de 5% ( $p < 0,05$ ) e os resultados foram apresentados em forma de tabelas e gráfico, além de descrições que favorecerão a visualização e entendimento.

Tabela 1. Caracterização do perfil sociodemográfico da ocorrência de hanseníase nos idosos no município de Augustinópolis-TO, no período de 2010-2020.

	Ano n (%)											Total	P*
	2010 9 (5,9)	2011 6 (3,9)	2012 6 (3,9)	2013 9 (5,9)	2014 7 (4,6)	2015 8 (5,3)	2016 7 (4,6)	2017 8 (5,3)	2018 5 (3,3)	2019 7 (4,6)	2020 4 (2,6)		
Sexo													
Feminino	6 (66,7)	2 (33,3)	3 (50,0)	3 (33,3)	3 (42,9)	2 (25,0)	3 (42,9)	4 (50,0)	0 (0,0)	2 (28,6)	0 (0,0)	28 (36,8)	0,46
Masculino	3 (33,3)	4 (66,7)	3 (50,0)	6 (66,7)	4 (57,1)	6 (75,0)	4 (57,1)	4 (50,0)	5 (100,0)	5 (71,4)	4 (100,0)	48 (63,2)	
Cor/Raça													
Amarela	1 (11,1)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (1,3)	0,49
Branca	2 (22,2)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (14,3)	1 (12,5)	0 (0,0)	1 (14,3)	0 (0,0)	5 (6,6)	
Parda	5 (55,6)	2 (33,3)	6 (100,0)	8 (88,9)	4 (57,1)	6 (75,0)	5 (71,4)	7 (87,5)	3 (60,0)	6 (85,7)	3 (75,0)	55 (72,4)	
Preta	1 (11,1)	4 (66,7)	0 (0,0)	0 (0,0)	3 (42,9)	2 (25,0)	1 (14,3)	0 (0,0)	2 (40,0)	0 (0,0)	1 (25,0)	14 (18,4)	
Ign/Branco	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (11,1)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (1,3)	
Escolaridade													
Analfabeto	0 (0,0)	3 (50,0)	0 (0,0)	2 (22,2)	4 (57,1)	1 (12,5)	2 (28,6)	2 (25,0)	3 (60,0)	0 (0,0)	2 (50,0)	19 (25,0)	0,54
1ª a 4ª série incompleta do EF	5 (55,6)	3 (50,0)	5 (83,3)	5 (55,6)	0 (0,0)	2 (25,0)	3 (42,9)	2 (25,0)	2 (40,0)	2 (28,6)	1 (25,0)	30 (39,5)	
4ª série completa do EF	1 (11,1)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (14,3)	1 (25,0)	3 (3,9)	
5ª a 8ª série incompleta do EF	1 (11,1)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (14,3)	1 (12,5)	0 (0,0)	1 (12,5)	0 (0,0)	1 (14,3)	0 (0,0)	5 (6,6)	
Ensino fundamental completo	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (14,3)	0 (0,0)	1 (1,3)	
Ensino médio incompleto	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (14,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (1,3)	
Ignorado	2 (22,2)	0 (0,0)	1 (16,7)	2 (22,2)	1 (14,3)	4 (50,0)	2 (28,6)	3 (37,5)	0 (0,0)	2 (28,6)	0 (0,0)	17 (22,4)	

\*Qui-quadrado; n = frequência absoluta; % = frequência relativa  
Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Tabela 2. Caracterização do perfil sociodemográfico da ocorrência de hanseníase nos idosos no município de Augustinópolis-TO, no período de 2010-2020, segundo a ocupação e zona.

	Ano n (%)											Total	P*
	2010 9 (5,9)	2011 6 (3,9)	2012 6 (3,9)	2013 9 (5,9)	2014 7 (4,6)	2015 8 (5,3)	2016 7 (4,6)	2017 8 (5,3)	2018 5 (3,3)	2019 7 (4,6)	2020 4 (2,6)		
Ocupação													
Aposentado	2 (20,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	3 (30,0)	3 (37,5)	1 (12,5)	5 (71,4)	4 (57,1)	3 (60,0)	1 (14,3)	2 (50,0)	24 (31,6)	0,52
Comerciante	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (10,0)	0 (0,0)	1 (12,5)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	2 (2,6)	
Desempregado	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	2 (28,6)	0 (0,0)	2 (2,6)	
Dona de casa	1 (10,0)	0 (0,0)	2 (33,3)	1 (10,0)	1 (12,5)	1 (12,5)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	6 (7,9)	
Motorista de taxi	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (10,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (1,3)	
Pedreiro	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (16,7)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (14,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	2 (2,6)	
Trabalhador agropecuária	5 (50,0)	3 (75,0)	2 (33,3)	3 (30,0)	3 (37,5)	4 (50,0)	2 (28,6)	2 (28,6)	2 (40,0)	4 (57,1)	1 (25,0)	31 (40,8)	
Ignorado	2 (20,0)	1 (25,0)	1 (16,7)	1 (10,0)	1 (12,5)	1 (12,5)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (25,0)	8 (10,5)	
Zona													
Ign/Branco	1 (11,1)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (14,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (12,5)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	3 (3,9)	0,84
Periurbana	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (14,3)	0 (0,0)	1 (1,3)	
Rural	1 (11,1)	1 (16,7)	0 (0,0)	0 (0,0)	2 (28,6)	0 (0,0)	1 (14,3)	1 (12,5)	0 (0,0)	1 (14,3)	0 (0,0)	7 (9,2)	
Urbana	7 (77,8)	5 (83,3)	6 (100,0)	9 (100,0)	4 (57,1)	8 (100,0)	6 (85,7)	6 (75,0)	5 (100,0)	5 (71,4)	4 (100,0)	65 (85,5)	

\*Qui-quadrado; n = frequência absoluta; % = frequência relativa  
Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

## RESULTADOS

No período de estudo foram notificados 76 casos de hanseníase na população idosa no município de Augustinópolis, estado do Tocantins, e a tabela 1 apresenta os dados para a caracterização sociodemográfica, pois teve uma prevalência no sexo masculino (63,2%), em relação ao sexo feminino (36,8%), a raça com maior frequência foi a cor parda (72,4%) e quanto a escolaridade foi de indivíduos de 1ª a 4ª série incompleta do Ensino Fundamental (39,5%).

Dessa maneira, a tabela 2, em relação a ocupação apresentou prevalência na atividade de trabalhador agropecuária (40,8%) e a zona, verificou-se a predominância na zona urbana com 85,5%.

## DISCUSSÃO

Na tabela 1, foi constatada que entre os casos notificados de hanseníase em relação ao sexo teve predominância no sexo masculino (63,2%) e tal resultado estar em concordância com o estudo realizado no município de Cajazeiras no estado de Paraíba (PB) no período de 2011 a 2020, no qual 379 casos de hanseníase registrados, 61% (232) eram do sexo masculino<sup>(18)</sup>. O resultado da presente pesquisa também foi semelhante aos estudos que analisaram as características epidemiológicas da hanseníase<sup>(19, 20, 12)</sup>. A prevalência no sexo masculino deve estar de acordo com a maior exposição aos fatores desencadeantes da doença em seus locais de trabalho; a baixa procura por cuidados de saúde se comparados aos indivíduos do sexo feminino, uma vez que é um grupo populacional que tem menor frequência nas unidades de saúde e aliada à falta de serviços específicos que atendam às suas necessidades; menor acesso às informações da doença e menor preocupação com o autocuidado<sup>(21,11)</sup>.

Destaca-se predomínio da raça ou cor parda (72,4%) e tal achado tem similaridade com o estudo realizado no município de Porto Nacional-TO no período de janeiro de 2007 a agosto de 2018, no qual 546 casos de hanseníase notificados, 71,2% (389) ocorreram em pacientes com cor parda<sup>(22)</sup>. Logo, é válido ressaltar que tal achado reme-

te ao cenário histórico do Brasil, pois é um país altamente miscigenado por conta do processo de colonização e, pode dar ênfase também, na questão da autoidentificação da população, uma vez que logo predomina-se a cor parda<sup>(23,21)</sup>.

O grau de escolaridade da população idosa portadora de hanseníase no município de Augustinópolis-TO é baixo, pois observa-se que 39,5% faz parte da 1ª a 4ª série incompleta do ensino fundamental, dado observado no estudo que teve como objetivo traçar o perfil epidemiológico da Hanseníase no Brasil entre os anos de 2016 a 2020, no qual 159.516 casos de hanseníase registrados, sendo que, destes, 19,22% foram de indivíduos que frequentavam a 1ª a 4ª série incompleta do ensino fundamental<sup>(21)</sup>. O achado da presente pesquisa também teve concordância com o estudo que apresentou como objetivo descrever o perfil epidemiológico da Hanseníase na Bahia no período de 2010 a 2020, visto que foi observado um total de 30.426 pacientes diagnosticados com a doença, 21,4% (6.530) do total dos casos ocorreram em indivíduos do ensino da 1ª a 4ª série do ensino fundamental incompleta<sup>(8)</sup>. Deve-se ao fato de quanto menor o grau de escolaridade, maior a probabilidade de ocorrência e reativação da hanseníase, já que essa classe mostra pouco conhecimento, apresenta dificuldade de compreensão das orientações sobre o tratamento, prevenção e autocuidado relacionado ao diagnóstico e entendimento e princípio da doença<sup>(24)</sup>. A patologia está diretamente ligada à vulnerabilidade promovida por determinantes sociais<sup>(23)</sup>, pois altas taxas de detecção de hanseníase estar associado aos fatores socioeconômicos precários, tais como baixa escolaridade e alto índice de vulnerabilidade social<sup>(20)</sup>.

Nesse sentido, na tabela 2 entre os casos notificados de hanseníase na população idosa o que teve predominância na ocupação foi o trabalhador agropecuário (40,8%), dado semelhante a presente pesquisa foi encontrado no estudo realizado em municípios da região de saúde do Bico do Papagaio, estado do Tocantins (TO), entre os anos de 2008 a 2018, no qual foram notificados 1257 novos casos de hanseníase na região estudada, sendo que, destes, 27,37% exercia atividade de

trabalhador rural<sup>(9)</sup>.

Portanto, quanto a zona o que apresentou maior frequência foi na zona urbana com o valor de 85,5% dos casos de hanseníase em idoso no município estudado e tal dado é observado no estudo que realizou a pesquisa no município de Marabá, estado do Pará (PA), no período de 2005 a 2017 e foram notificados 2.643 casos de hanseníase, visto que a zona de residência mais expressiva foi a urbana com o valor percentual de 77%<sup>(25)</sup>. Desse modo, uma possível explicação seria que a doença ocorre nos centros urbanos por conta da tendência de aglomeração populacional, geralmente associada a um baixo nível socioeconômico<sup>(19)</sup> e populacional, como migração, deficiência nos serviços públicos e aglomeração humana, facilitando o contato com os hanseníacos por longos períodos, já que o período de incubação da doença é, em média, de 2 a 7 anos<sup>(25)</sup>.

## CONCLUSÃO

De acordo com os resultados apresentados e discutidos do perfil sociodemográfico dos casos de hanseníase na população idosa no município de Augustinópolis, estado do Tocantins no período de 2010-2020, conclui-se que teve predominância no masculino, cor/raça parda, escolaridade de 1ª a 4ª série incompleta do E.F, trabalhador agropecuário e com maior número de casos na zona urbana.

Desse modo, a análise do perfil sociodemográfico dos casos de hanseníase em idoso torna-se essencial para colaborar como fonte de informações epidemiológicas locais e com isso possa ocorrer investimentos na capacitação e educação permanente das equipes gestoras e multiprofissionais ligadas à saúde, para que assim, ocorra a educação em saúde com o objetivo de esclarecer e educar a população idosa sobre a patologia, já que a falta de conhecimento dificulta a aceitação, causa o abandono e recusa de tratamento.

Portanto, sugere-se busca ativa e contínuas com a finalidade de potencializar a detecção e tratamento precoce, e além disso, disponibilizar uma assistência holística aos doentes tanto no nível básico, quanto na alta complexidade, contemplando ações direcio-

nadas ao diagnóstico, tratamento, prevenção de incapacidades e reabilitação física e social, para que assim, possaminimizar as sequelas da hanseníase nos idosos.

## AGRADECIMENTOS E FINANCIAMENTO

Agradeço primeiramente a Deus por mais uma etapa vencida, aos meus pais que nunca mediram esforços para poder realizar os meus sonhos e também sempre esteve comigo no percurso da caminhada acadêmica. Dessa maneira, agradeço também a

minha orientadora por toda dedicação que mostrou, sem medir esforços ao me instruir. Agradeço a Universidade Estadual do Tocantins-UNITINS por possibilitar a realização da pesquisa por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq e PIBIC/Unitins).

## REFERÊNCIAS

- Bernades, M. P.; Oliveira, G. S.; Grattapaglia, R. P. A.; Melo, J. O.; França, C. W.; Pereira, J. M. Análise do Perfil Epidemiológico de Hanseníase no Brasil no período de 2010 a 2019. *Brazilian Journal of Health Review*, Curitiba, v.4, n.6, p. 23692-23699 nov./dec. 2021. ISSN: 2595-6825. Disponível em: <https://brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/38902/pdf>. Acesso em: 27 mar. 2022.
- Germano, G. V. Avaliação da capacidade estimulatória de células dendríticas em pacientes com hanseníase. Tese (Doutorado em Doenças Tropicais) - Faculdade de Medicina, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Botucatu, 2022. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/216989/germano\\_gv\\_dr\\_bot.pdf?sequence=5&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/216989/germano_gv_dr_bot.pdf?sequence=5&isAllowed=y). Acesso em: 27 mar. 2022.
- Branco, A. C. S. C.; Nunes, D. C.; Leite, F. R. F. Análise de prontuários de indivíduos submetidos ao tratamento para hanseníase em uma unidade básica de saúde. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 12, e305101219698, 2021 (CC BY 4.0) | ISSN 2525-3409 | DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i12.19698>. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/19698/18274>. Acesso em: 27 mar. 2022.
- Basso, M. E. M. Indicadores Epidemiológicos E Operacionais Da Hanseníase No Estado Do Amapá, 2005 A 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde)- Universidade Federal do Amapá – Unifap, Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde, Macapá, 2018. Disponível em: [http://repositorio.unifap.br/bitstream/123456789/92/2/Dissertacao\\_2020IndicadorEpidemiologicoOperacionais.pdf](http://repositorio.unifap.br/bitstream/123456789/92/2/Dissertacao_2020IndicadorEpidemiologicoOperacionais.pdf). Acesso em: 01 maio de 2021.
- Nogueira, P. S. F.; Marques, M. B.; Coutinho, J. F. V.; Maia, J. C.; Silva, M. J.; Moura E. R. F. Fatores associados à capacidade funcional de idosos com hanseníase. *Rev Bras Enferm [Internet]*. 2017;70(4):711-8. [Thematic Edition "Good Practices: Fundamentals of care in Gerontological Nursing"] DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0091>. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S003471672017000400711&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003471672017000400711&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 06 maio de 2021.
- Silva, D. D. B.; Tavares, C. M.; Gomes, N. M. C.; Cardoso, A. C.; Arcêncio, R. A.; Nogueira, P. S. F. A hanseníase na população idosa de Alagoas. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.*, Rio de Janeiro, 2018; 21(5): 573-581. Disponível em: [https://www.scielo.br/pdf/rbgg/v21n5/pt\\_1809-9823-rb-gg-21-05-00553.pdf](https://www.scielo.br/pdf/rbgg/v21n5/pt_1809-9823-rb-gg-21-05-00553.pdf). Acesso em: 17 mar. 2021.
- Moraes, P. C. Perfil Epidemiológico Da Hanseníase No Período De 2000 – 2019 No Estado Do Rio Grande Do Sul. Dissertação (Mestre em Medicina: Ciências Médicas)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós Graduação em Medicina: Ciências Médicas, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <file:///D:/Users/Cliente/Desktop/UNITINS/7%20C2%AA%20PERIODO/Projeto%20de%20Pesquisa%20em%20Sa%C3%BAde/Hansen%C3%ADase/TESE/PERFIL%20EPIDEMIOL%C3%93GICO%20DA%20HANSEN%C3%8DASE%20NO%20PER%20C3%8DODO%20DE%202000%20%202019.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2022.
- Oliveira, A. L. G. Relações causais entre a expressão dos genes do receptor de vitamina D do peptídeo antimicrobiano catelicidina sobre marcadores sorológicos de pessoas com hanseníase antes e após seis meses de tratamento poliquimioterápico. Tese (Doutor em Ciências da Saúde Área de concentração: Imunologia das doenças infecciosas e tropicais)- Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde: Infectologia e Medicina Tropical, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/32994/1/Tese%20FINAL%20VDR%20e%20CAMP%20>
- em%20Hansen%C3%ADase%20-%202017.03.2020%20-%20ALGO.pdf. Acesso em: 24 mar. 2022.
- Novais, D. G. Distribuição espacial e fatores determinantes da ocorrência de hanseníase em municípios da região de saúde do Bico do Papagaio, estado do Tocantins no período de 2008 – 2018. Dissertação (Mestrado em Sanidade Animal e Saúde Pública nos Trópicos) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Sanidade Animal e Saúde Pública nos Trópicos, Araguaína, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11612/2258>. Acesso em: 12 abr. 2021.
- Brasil, Ministério da Saúde, Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no Sistema Único de Saúde (CONITEC), SECRETARIA DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO E INSUMOS ESTRATÉGICOS EM SAÚDE. Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas da Hanseníase. Brasília – DF, 2021. Disponível em: [http://conitec.gov.br/images/Consultas/Relatorios/2021/20211223\\_PCDT\\_Hanseníase.pdf](http://conitec.gov.br/images/Consultas/Relatorios/2021/20211223_PCDT_Hanseníase.pdf). Acesso em: 28 fev. 2022.
- Espíndola, M. F.; Nascimento, J. L. M.; Gomes, A. C. M.; Costa, A. L. X.; Garcia, F. N.; Rodrigues, M. C.; Regis, G. J. S. R.; Vilas-Boas, G. F. Et al. Perfil epidemiológico da hanseníase no período de 2015 a 2018 no município de Goianésia (GO). *Braz. J. Hea. Rev.*, Curitiba, v. 3, n. 2, p.2600-2611 mar./apr. 2020. ISSN 2595-6825. Disponível em: [file:///D:/Users/Cliente/Downloads/8274-21737-1-PB%20\(2\).pdf](file:///D:/Users/Cliente/Downloads/8274-21737-1-PB%20(2).pdf). Acesso em: 27 mar. 2022.
- Tavares, A. M. R. Perfil epidemiológico da hanseníase no estado de Mato Grosso: estudo descritivo. Einstein (São Paulo). 2021; 19(1-5). Disponível em: [https://www.scielo.br/j/eins/a/sFY5VjXNsH3MF3W4ydfzSnd/?format=pdf&lang=pt#:~:text=A%20doen%C3%A7a%20predominou%20em%20indiv%C3%ADduos,6%25%20\(Tabela%201\).&text=No%20que%20se%20refere%20ao,similar%20\(47%2C%25\)](https://www.scielo.br/j/eins/a/sFY5VjXNsH3MF3W4ydfzSnd/?format=pdf&lang=pt#:~:text=A%20doen%C3%A7a%20predominou%20em%20indiv%C3%ADduos,6%25%20(Tabela%201).&text=No%20que%20se%20refere%20ao,similar%20(47%2C%25)). Acesso em: 09 abr. 2022.
- Farias, K. N.; Nogueira, P. S. F.; Sales, J. M. R.; Silva, M. J.; Marques, M. B. Tendência de indicadores epidemiológicos da hanseníase em idosos no Ceará de 2002 a 2014. *R. pesq. cuid. fundam. Online*, 2020 jan/dez 12: 992-998. DOI: <http://dx.doi.org/0.9789/2175-5361.rpcf.v12.7185.>>. Disponível em: <file:///D:/Users/Cliente/Downloads/7185-Texto%20do%20Artigo-49972-2-10-20200806.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2021.
- Costa, M. F. L.; Barreto, S. M. Tipos de estudos epidemiológicos: conceitos básicos e aplicações na área do envelhecimento. *Epidemiol. Serv. Saúde*, Brasília, dez. 2003;12(4):189 –201. Disponível em: [http://www.scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S167949742003000400003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167949742003000400003&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 08 maio 2021.
- Angelo, J. A. Conceitos Básicos em Epidemiologia. São José dos Campos, 2011.
- Dalfovo, M. S.; Lana, R. A.; Silveira, A. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, Blumenau, v.2, n.4, p.01-13, Sem II. 2008. ISSN 1980-7031 Disponível em: <file:///D:/Users/Cliente/Downloads/MONOGRAFIAS%20M%C3%89TODOS%20QUANTITATIVOS%20E%20QUALITATIVOS.pdf>. Acesso em: 08 maio 2021.
- Cozby, P. C. Métodos de pesquisa em ciência do comportamento. Trad. Paula Inês Cunha Gomide, Emma Otta. São Paulo: Atlas, 2003.
- Pedrosa, M. L. M.; Sousa, M. N. A. Perfil epidemiológico da hanseníase no município de Cajazeiras-PB: recorte temporal de 2011 a 2020. *Bioethics Archives, Management and Health*. 2, n. 1, p. 13-26, 2022. ISSN: 2763-999. Disponível em: <https://biamah.com.br/index.php/biomah/article/view/20/23>. Acesso em: 11 abr. 2022.

